

Debaixo do tapete do esquecimento

VILLAS-BÔAS CORRÊA *

Não se pode maliciar sobre a oportuna coincidência da temporada de escândalos com a viagem do presidente Fernando Henrique Cardoso à China, com agenda turística de rico no prolongamento por Macau, Malásia e a terra musical e cheia de graça da Espanha.

Nem mesmo parece aconselhável apostar todas as fichas no sucesso da manobra diversionista, com a pausa da ausência esfriando a fervura de duas crises simultâneas: a do projeto do Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam) e o de mais recente pipoco da pasta rosa, com a listagem dos favorecidos pelos jabaculês de 90 da ajuda eleitoral pelo Banco Econômico, espargindo a generosidade baiana pelos amigos de Angelo Calmon de Sá e tratando os depositantes a pão, água e juros.

Lá que a tática tem sua esperteza e eficácia, não há porquê duvidar. Pois não se trata de sumiço de 11 dias assim solto no ar, ao sabor dos ventos, como papagaio em mão de garoto inábil que não sustenta a ponta da linha e chora a perda do brinquedo, desaparecendo no céu.

O pacote tático do presidente está amarrado com inegável competência. Na primeira volta do embrulho, a viagem de maravilhoso roteiro. E que já está provando seus miraculosos efeitos, devolvendo de estalo o bom humor e o fôlego de FHC no deslumbramento da visita à Muralha da China, uma das sete maravilhas do mundo. E é só o

começo. Enquanto a caravana passa diante dos encantos do outro lado, por aqui as coisas vão se ajeitando, aos trancos, para fechar o acordo tácito que consolide a trégua e esqueça turbulências.

Para seguir a ordem das prioridades: China no volteio antípoda; no quintal da casa, a consumada convocação extraordinária do Congresso para o período de 15 de dezembro a 14 de fevereiro para a votação das emendas constitucionais na fila da urgência. Ora, interromper o recesso de parlamentares estafados pela trabalhadeira em carga horária de senzala de dois dias semanais sugere aborrecimento a azedar o ânimo natalino de senadores e deputados. Mas, claro, não é bem assim. Nem poderia ser. Do estrito e secundário ponto de vista material, o sacrifício das férias ameniza-se com depósitos nas contas bancárias parlamentares de R\$ 41 mil líquidos, depois da sangria dos descontos nos R\$ 60 mil brutos.

Para aliviar ainda mais a barra cor-de-rosa, os convocados extraordinários decidiram por conta própria comemorar o bom negócio, concedendo-se férias também extraordinárias de dezoito dias. Com o apelido de tão graciosa inspiração natalina de *recesso branco*, o período de gazeta espicha-se de 20 de dezembro a 8 de janeiro, cobrindo todo o calendário festeiro. Com a antecedência para a preparação da ceia de Natal, farta e variada, à altura da gratificação de R\$ 41 mil e esticando até dois dias depois do

Dia de Reis. Com prazo para a digestão da comilança.

A mistura de generosidade com os amigos e de pródiga criatividade para uso próprio da receita do governo reúne todos os atrativos para garantir o enterro das crises que tanto maltratam o presidente e embaraçam seus planos políticos de longo prazo.

O diabo é que Fernando Henrique está reincidindo no discutível truque, velho e sovado, de ladear as dificuldades e as crises ao invés de enfrentá-las, agarrando-as pelo gasganete e indo fundo na apuração, até que não parem dúvidas nem suspeitas.

Ora, isso é como obturar cárie deixando exposto o nervo do dente esburacado.

No episódio do grampo telefônico do seu ex-Chefe do Cerimonial, o desaparecido embaixador Júlio César, empurrou-se o lixo para debaixo do tapete com algumas versões bobocas e que não enganam ninguém. Como a bobagem da desculpa policial da desmagnetização das fitas gravadas com as bachianas do tráfico de influência. Uma trampa dessas não se engole nem se esquece. Lá um belo dia, retorna, pimpona, estragando o fim da festa.

O contrato do Sivam já é bem mais complicado. Sua sofisticação tecnológica embrulha-se no blablablá dos especialistas. O que está claríssimo, de transparência ofuscante, é que não se dissipará a nuvem cinzenta de suspeições, que se

adensa à medida que se sucedem as denúncias, em jorro ininterrupto, sem a apuração de cada uma das desconfiças que se empilham por todos os cantos por onde transita o contrato fantástico de US\$ 1,4 bilhão.

Onde o vezo de saltar problemas se expõe em seus andrajos é no caso da pasta rosa do Banco Econômico. Além da exibição de hipocrisia no tratamento da prática mais do que sabida e tolerada do financiamento de campanha de candidatos favoritos por empreiteiras, bancos e quantos manipulam grandes interesses e suas respectivas verbas, o governo tentou fingir que não sabia de nada nem tinha nada com o caso.

A saída pela larga porta escancarada da sala seria mais fácil do que tentar fugir pela janela dos fundos. Bastaria o gesto simples e limpo de publicar todos os papéis encafuados na rósea pasta bojuda, com nomes, indicações e cifras e permitir que cada um se defendesse apelando para a explicação possível. O clima de meio-segredo é mais corrosivo do que a verdade em sua nudez. E é uma tática burra. Pois, uma vez levantado a ponta da cobertura, nada detém a publicidade que ilumina as sombras e desmascara os fantasmãs.

Desse jeito, até depois do Carnaval vamos assistir ao desfile dos mascarados no bloco da quarta-feira de Cinzas.